

AMBIÇÃO

Francisco Cândido Xavier
(Espírito Augusto Cezar)

7 de Abril de 2006

Esta mensagem foi retirada do site www.universoespirita.org.br, em 05/04/2006, que apresenta o seguinte aviso ao final da página principal: “Todo o conteúdo deste projeto pode e deve ser inteiramente copiado e reproduzido em qualquer meio e tipo de difusão ou publicação sem nenhuma autorização prévia ou necessidade de citação de sua fonte de origem.”

Era noite. O mentor Silvério Pires recomendou-me esperá-lo por instantes. Em seguida, veio a mim explicando: Augusto, temos serviço urgente. Venha comigo. Trata-se de um pedido de mãe devotada, em apoio de um filho enfermo. Obedeci, de imediato, mesmo porque o orientador é um desses professores diletos a que nos vinculamos por afetuoso reconhecimento.

Alguns minutos voaram e atingimos um palacete de primorosa estrutura, cercado por jardins que brilhavam ao luar, dentro da noite. Entramos. O mentor parecia familiarizado com os mínimos recantos do solar, enriquecido de tapetes e telas raras. Em aposento próximo, mobiliado segundo os hábitos portugueses do século XVIII, um homem, aparentando cinqüenta janeiros, escrevia e escrevia... Porque estacássemos, de repente, perguntei surpreso ao meu condutor:

- Onde está o doente?

O amigo fez um gesto de proteção, sobre a cabeça do homem que me era desconhecido e acentuou:

- Este é o irmão Celestino que nos requisita assistência.

Fitei o desconhecido, da cabeça aos pés e não lhe notei qualquer anormalidade. Entretanto, o mentor solicitou-me:

- Tome papel e lápis e copie a carta em andamento. Trata-se de um estudo que nos cabe fazer.

Sem vacilar, passei a escrever o texto que o desconhecido produzia à nossa frente. Era uma carta que ele provavelmente endereçava a algum irmão distante, e assim dizia: "Meu caro Aprígio: Segure os cinqüenta mil sacos de arroz no armazém número dois e aguardemos mais preço. Os dez mil litros de óleo para cozinha, mantenha você em estoque e os dois mil sacos de café em grão guarde no armazém quatro. Não venda bulhufas. Mais algumas semanas e estaremos numa boa. Tudo isso terá preços altos, nos próximos dias. E olhe: Não dê migalha alguma a ninguém. Religiosos têm vindo aqui a me pedir socorro. Dizem que os tutelados deles estão em carência. Até freiras já vieram aqui com petições. Não atenda a ninguém se você for procurado. Esse negócio de religião e caridade já era. Um certo amigo chegou a me dizer que a minha fazenda pela qual suei tanto, pertence a Deus e a mim, que eu não passo de sócio. Eu queria que esse maluco visse os meus terrenos quando Deus estava aqui trabalhando sozinho. Era mato e cobras em toda parte. Fique tranqüilo e nada de coração mole. Espero estar aí na próxima semana. Até quinta-feira. Um abraço do seu irmão Celestino." Celestino, pois esse era o nome de nosso anfitrião, colocou a caneta em lugar adequado e, logo após, levou a mão ao peito. Gemia. Afigurava-se-me que ele sentia muita dor. Em dado momento, pressionou o botão de uma campainha e estirou-se em larga poltrona. Um servidor apareceu. Celestino pediu

um coronário-dilatador e a presença do seu médico particular. O cardiologista surgiu com presteza e determinou a remoção do doente para um hospital. Pires sentenciou:

- Devemos acompanhá-lo. Esta é a última noite de nosso amigo na vida física.

Internado, Celestino estava submetido a minuciosos exames. Silvério se dispôs à retirada e disse-me simplesmente:

- Veja você. Tanta ambição e dentro de poucas horas o nosso amigo estará desencarnado, sob a suspeita de enfarte. Amanhã viremos buscá-lo.

Nada mais acrescentou e eu fiquei a meditar sobre a lição recebida.

Da obra: Fotos da Vida. Ditada pelo Espírito Augusto Cezar,
através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier.